

Ao Magnífico Reitor do Instituto Federal do Espírito Santo, Sr. Jadir Jose Pela

Ao Conselho Superior do Instituto Federal do Espírito Santo

Ao Colégio de Dirigentes do Instituto Federal do Espírito Santo

O que pode a escola na pandemia?

Carta do Grupo de Trabalho das(os) Psicólogas(as) do Ifes sobre o desenvolvimento das Atividades Pedagógicas Não Presenciais (APNPs)

Diante do cenário complexo e incerto, imposto pela pandemia da Covid-19, estamos vivenciando uma crise mundial, com impactos em todas as esferas da vida e da sociedade. Neste íterim, a educação tem experimentado grandes transformações, num momento em que a impossibilidade de funcionamento presencial das instituições de ensino é mais uma das estratégias para inibir a circulação e aglomeração de pessoas, na busca de evitar a propagação do coronavírus e, com isso, preservar a saúde e a vida do máximo de pessoas possível.

Nesse contexto, nós, profissionais da educação, vemo-nos diante do desafio de reinventar a escola, as práticas educativas e a nós mesmos. Temos sido compelidos, a todo momento, a criar novas estratégias e soluções tecnológicas, buscando, mesmo à distância, desenvolver as atividades de ensino de modo a evitar maiores transtornos ao calendário escolar. Junto a isso, enfrentamos os limites e desigualdades de acesso dos educandos aos meios empregados no intuito de viabilizar essa continuidade da vida acadêmica¹.

Mesmo enredados em questões tão complexas – e, por vezes, sem soluções ainda vislumbradas –, não podemos nos esquecer dos desafios e intempéries que também atravessam aqueles que dão sentido ao nosso trabalho: os estudantes. Ouvi-los tornou-se urgente como nunca, na busca de compreender como têm vivenciado este momento e de que formas a educação pode contribuir para minimizar os impactos negativos dessa experiência, constituindo-se como rede de apoio e suporte para fortalecê-los diante dos desafios enfrentados.

Pesquisa recente², realizada junto a jovens de 15 a 29 anos, levantou dados que apontam para algumas questões de grande relevância no cenário educacional atual:

¹ CRP-15. Cartilha com Orientações para Atuação de Psicólogas(os) na Educação em Tempos de Crise Sanitária – Pandemia do Covid-19. Maceió/AL, 2020.

² Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE). Pesquisa Juventudes e a Pandemia do Coronavírus. Brasília/DF, Junho/2020.

- Cerca de 50% dos jovens pesquisados informam que houve diminuição na renda familiar, sendo que 60% deles fizeram o cadastro para receber o Auxílio Emergencial do Governo Federal;
- Ao avaliarem os efeitos da pandemia sobre aspectos da vida, 25% relatam piora nos relacionamentos familiares; 42%, piora na alimentação; 55% informam piora no sono; e 70% relatam piora no estado emocional;
- Quanto aos sentimentos durante a pandemia, 62% relatam ansiedade, 48% exaustão, 50% impotência e 36% relatam sensação de solidão, sendo as mulheres notavelmente mais atingidas por tais sentimentos em relação aos homens;
- Mencionam, como principais preocupações, durante a pandemia: perder algum familiar (75%), ser infectado pela Covid-19 (48%), infectar outras pessoas (45%) e perder a vida (27%), sendo que ter os estudos interrompidos ou de pior qualidade é uma preocupação apontada por 13% dos estudantes pesquisados;
- Boa parte dos estudantes, embora tenha acesso à internet, o faz por aparelhos celulares/smartphones, enfrentando dificuldades no acesso a equipamentos como tablets e notebooks (cerca de 30%), sendo que destes, os estudantes negros são os que apresentam dificuldades ainda mais acentuadas (cerca de 50% deles não possuem os equipamentos citados);
- Quando questionados sobre como tem sido estudar em casa, 80% relatam que o lado emocional (medo, estresse, ansiedade) tem prejudicado os estudos, 82% relatam dificuldade de se organizarem para estudar à distância e 62% relatam dificuldades com relação ao ambiente para estudar em casa;
- Sobre os conteúdos que consideram ser prioritários durante a pandemia, 57% dos jovens consideram que as instituições de ensino devem desenvolver atividades que auxiliem os estudantes a lidar com as emoções; 49% indicam a necessidade de trabalhar estratégias para ajudar na organização do tempo e dos estudos; e 35% apontam que é importante trabalhar as disciplinas do currículo do presente ano;
- 28% dos jovens afirmam que já pensaram em abandonar os estudos, sendo este percentual maior entre os jovens “mais velhos” (25 a 29 anos).

Com base em publicações recentes e compartilhamento de experiências propiciado pela nossa inserção laboral, podemos perceber algumas demandas que a pandemia nos apresenta de forma bem concreta.

Os estudantes em situação de vulnerabilidade social, que já demandam intervenções específicas da política educacional em situações normais, devem ganhar atenção ainda mais direcionada neste momento de crise, em virtude do aprofundamento das desigualdades e maior exposição a riscos sociais – situações de fome e pobreza extrema, violência, discriminação, adoecimento físico e mental, fragilização de vínculos, perdas materiais, imateriais e perdas de pessoas queridas.

Isto posto, é necessário analisar de que forma a política educacional pode contribuir nesse cenário, para apoiar os estudantes nas suas demandas, fortalecendo-os e às suas

famílias frente às adversidades que têm enfrentado. A antiga demanda por investimento na relação família-escola ganha agora outros contornos, cuja análise se torna imperativa. Podemos desenvolver práticas educacionais que auxiliem na tessitura de ambientes familiares mais seguros, saudáveis e esperançosos a nossos estudantes, em especial os daqueles em situação de maior vulnerabilidade? Ou seremos nós, agentes promotores da educação pública, parte responsável por produzir mais separações, sofrimentos e exclusões? Esse é um dos riscos de se recorrer a caminhos apaziguadores face a demandas por produtividade e por soluções que visem à normalização das práticas em um contexto nunca experimentado na história recente da educação brasileira.

Caminhamos, assim, no fio da navalha e, por isso, não podemos perder de vista os horizontes éticos que devem fundamentar as políticas educacionais, como o acesso universal, a promoção da igualdade social, o desenvolvimento do pensamento crítico e da cognição.

Tendo isso em vista, é fundamental ainda diversificar as experiências de aprendizagem, as quais podem, inclusive, apoiar a criação de uma rotina positiva que ofereça aos estudantes alguma estabilidade frente a um cenário de muitas mudanças e incertezas. Contribui para isso uma atuação qualificada dos profissionais da educação, os quais, é preciso sempre lembrar, também são impactados por todo esse contexto. Para além do uso de novas tecnologias, métodos e técnicas ainda desconhecidos ou pouco conhecidos por grande parte, e da adaptação ao trabalho remoto em acúmulo a uma rotina doméstica alterada, temos nos deparados com problemáticas geradas ou agravadas pela própria pandemia e/ou pelo distanciamento social. Sendo assim, um outro desafio que se coloca é o exercício de acolhimento e solidariedade orgânica e organizacional, que passa ainda pela difusão de orientações adequadas para a atuação profissional.

As situações cotidianamente vistas e vivenciadas por profissionais, estudantes, familiares e pela sociedade de uma forma geral, nos levam a pensar sobre a função social da escola no momento. Como dito, a escola parece estar sendo convocada a se repensar, se reinventar, se transformar, não simplesmente com o objetivo de atender às novas formas e meios de fazer o trabalho que já estava solidificado, mas com o objetivo de revisitar sua função social e se questionar sobre quais as suas possibilidades, suas efetivas contribuições, para um momento de pandemia que coloca em xeque o mundo como até então o víamos, o experimentávamos. Um convite a fluir em outras direções, a se capilarizar, e se encontrar com outros movimentos, outras intenções, outros possíveis, sem com isso deixar sua função educativa, formativa, construtiva e promotora de condições dignas de vida.

Neste sentido, somos todos convocados a um compromisso com a vida, com aquilo que a preserve, que a sustente, que a afirme e a potencialize. Nesta direção, a aposta ética do grupo de psicólogos(as) do Ifes é também evidenciar essas possibilidades como caminhos legítimos e necessários de serem trilhados pela Instituição. Depurar-se com a indagação sobre que tipos de atuação a escola pode ter, de modo a dialogar diretamente com a realidade que estamos vivendo, com as experiências singulares que se delineiam,

com as incertezas, inseguranças, tristezas, mazelas, sofrimentos, e também com as esperanças, ideias, ideais, sonhos, desejos, potencialidades, diversidades e possibilidades.

Em sua atuação, este grupo tem buscado, seja junto aos estudantes, aos docentes, às equipes multidisciplinares, junto a toda comunidade acadêmica, trazer à pauta de reflexão do momento as experiências, os discursos, as produções e as contribuições dos diversos atores do cenário escolar, e também de fora dele. O entendimento é o de que são justamente os diálogos e construções coletivas que trazem a força e a potência criativa que um momento tão árido requer, para ser não apenas “sobrevivido”, mas transformado, através de processos que nos conduzam a superar desigualdades, preconceitos, violências, exclusões e discriminações. E nos impulsionam ao acolhimento dos diferentes processos de experimentação, elaboração, reorganização e reconstrução das diferentes formas de viver nessa travessia de “deserto”, trazendo conosco valores fundamentais como a solidariedade, o reconhecimento da alteridade, a justiça e a equidade.

Grupo de Trabalho dos(as) Psicólogos(as) do Ifes

Espírito Santo, 18 de setembro de 2020.